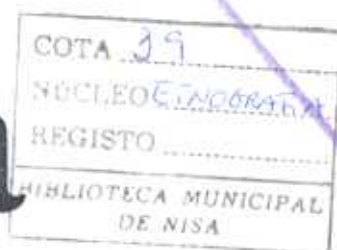


Mais de uma dezena de aldeias espanholas ainda falam português

A agonia das terras raianas



Enquanto existiu, a fronteira estremenha entre Portugal e Espanha uniu e tornou complementares os povos raianos; agora que desapareceu, está finalmente a separar aquilo que nunca ninguém dividiu. Histórias de um lugar marcado por guerras, contrabando, migrações e misérias, hoje em plena agonia.

Texto
José António Cerejo

Fotografias
Bruno Portela



ESPAÑHA 50 km



Pela raia estremenha acima, numa estreita faixa de uma dezena de quilómetros de lado, entre El Marco e o Vale de Jálama, à altura de Arronches e do Sabugal, respectivamente, resistem uns sete ou oito milhares de espanhóis que ainda falam português. Com cambiantes múltiplos, é certo,

às vezes em formas arcaicas e de difícil entendimento, mas sempre em resultado de uma penetração linguística que não teve reciprocidade do lado português. Eram os de cá que se casavam lá, eram os de cá que lá procuravam terras e trabalho. E raramente o contrário. Deste vaivém secular e da intimidade que se estabeleceu entre dois povos que eram mais um do que dois, brotou um pujante fenómeno de miscigenação cultural, que durante séculos forjou a alma raiana. Lugar de contrabandos múltiplos, marcado por guerras, conquistas e reconquistas, migrações e misérias, a raia, numa margem e na outra da fronteira entre Portugal e Espanha, encontra-se em plena agonia, à beira de uma morte praticamente certa. Descaracterizada e esvaziada pela supressão das barreiras fronteiriças e pelo consequente fim do contrabando — um recurso essencial e um elemento fundador da especificidade raiana —, a região debate-se agora com uma desertificação progressiva e com uma contradição dolorosa: a fronteira, enquanto existiu, uniu e tornou complementares os povos raianos; a fronteira, agora que desapareceu, está finalmente a separar aquilo que nunca ninguém dividiu.

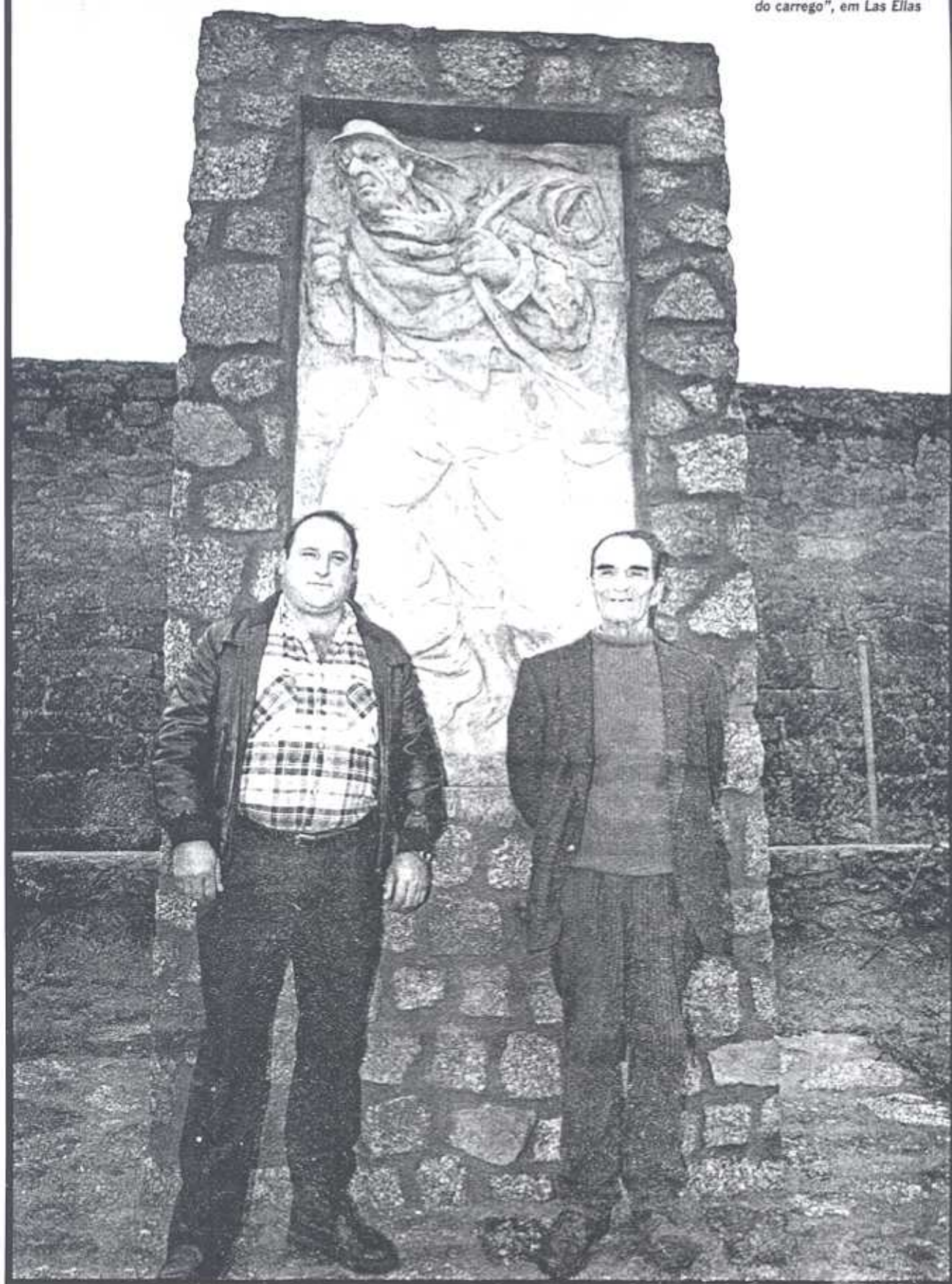
Na Cocêra há um Victor que se chama Pablo e um português que é espanhol. A bem dizer, há lá muitos a quem chamam o que não são e muitos que são coisas muitas numa pessoa só. Contingências de uma terra espanhola que ainda é Portugal e que tem por vizinho um Portugal que ainda é Espanha. Consequências de uma vida partilhada, cúmplice e complementar, vivida sobre a corda bamba de uma fronteira historicamente movediça, resultado de um mundo em extinção, feito de clandestinidades e ambivalências raianas.

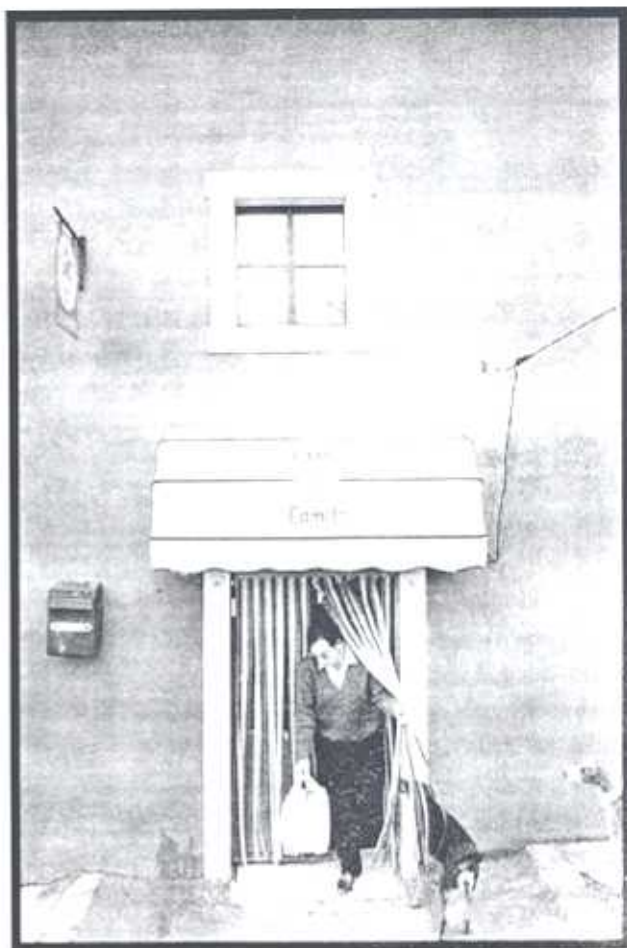
A três quilómetros da linha imaginária que separa e une gente irmã e gente igual, a cinco quilómetros da portuguesa Esperança, no concelho de Arronches, não longe de Portalegre, a Cocêra dos muitos alentejanos e estremenhos que ainda lá falam "à portuguesa" é La Codisera dos mesmos e dos muitos outros que se exprimem em castelhano.

"Explica aí tu, que és internacional", diz um espanhol-castelhano para um espanhol-português. Solicito, um velho senhor de boina preta e modos distintos indica o caminho num português escorreito e cantado, aveludado e de ressonâncias arcaicas.

Um pouco mais acima, atrás do balcão onde serve "tapas" e vinho novo, o taberneiro Américo responde ao português em espanhol e só aos poucos deixa fluir a língua dos seus pais. À saída da aldeia, no bar La Guardia, na direcção da Esperança e do antigo posto fronteiriço de El Marco, é um Victor, que traz Pablo no cartão de identidade, quem conta a história em castelhano. "O Américo é filho de portugueses e esteve quatro anos . . ."

Autarca e antigo contrabandista
junto ao monumento ao "homem
do carrego", em Las Ellas





Ainda ha espanhóis que vêm abastecer-se em lojas portuguesas. Na foto, ponte "internacional" sobre o Abrilongo, que liga Espanha a Portugal

• • • na guerra de Angola. Além dele, há pelo menos mais dois de cá que também estiveram nessas guerras e um que era ali de La Tojera e morreu em Angola."

Perdida num extremo da Extremadura espanhola, 60 km a norte de Badajoz, La Codicera tem actualmente uns 1800 habitantes, incluindo 45 casais de portugueses casados com espanholas, 32 de portuguesas casadas com espanhóis e 11 de portugueses casados com portuguesas.

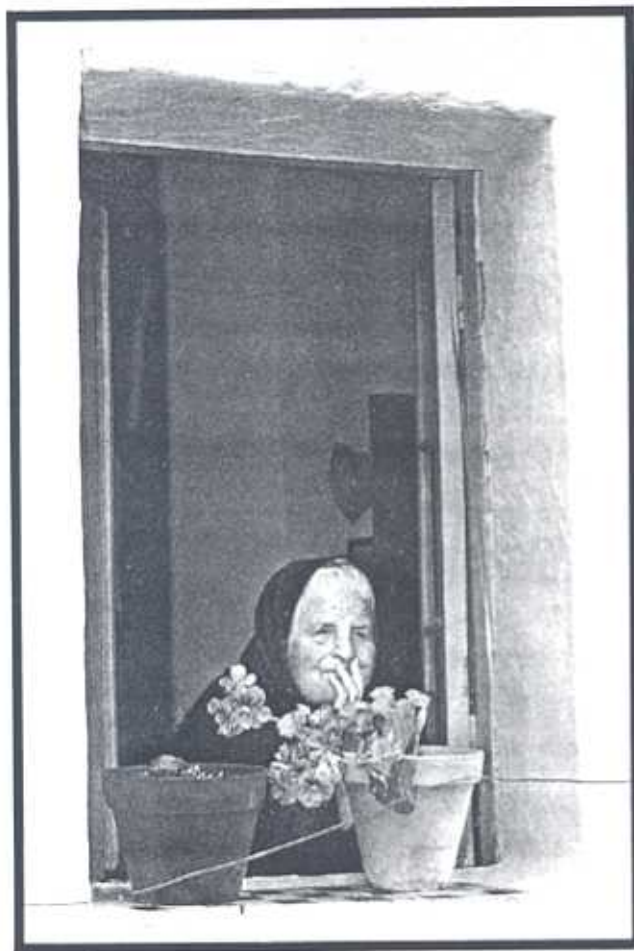
Mais do que isso, porém, a intimidade e a identidade raianas assentam nas vivências e nas memórias da secular complementaridade em que se fundava o contrabando da vida e da sobrevivência — contrabando que não era só de mercadorias e pessoas, mas de amores e emoções, palavras e tradições. Uma complementaridade que era cumplicidade, ganha-pão e muitas vezes solidariedade. De um lado e de outro, em tempos diversos e por razões várias, abriam-se portas, albergavam-se fugitivos e exilados, emigrantes e clandestinos.

Na penumbra de uma velha loja onde se amontoam atoalhados, colchas, lustres, imitações de bronze e bugigangas empoeiradas, três homens e duas mulheres de luto conversam sem pressas. São todos portugueses, mas todos têm familiares espanhóis. Ali a cem metros, do lado de lá de uma ponte de tábuas velhas que transpõe o

ribeiro de Abrilongo e liga Portugal a Espanha, está El Marco, uma minúscula aldeia espanhola, lugar simbólico das terras raianas, ponto de encontro de culturas, caldo perfeito onde se fundem semelhanças e diferenças.

Da banda de cá é a Várzea Grande, freguesia da Esperança, apenas "El Marco português" para os espanhóis, a metade lusa de uma povoação com uma fronteira saudosa e odiada pelo meio. Para os velhos da loja alentejana, o rio que os separava dos vizinhos — muitos deles alentejanos instalados do lado de lá há várias gerações — era o centro de todos os perigos, mas era também a mais-valia da aldeia, o motor da sua vida e da sua economia, o fundamento de todos os contrabandos. Hoje em dia, cada vez mais desde a abertura das fronteiras, o "Birlongo" é apenas um fio de água sem segredos, um ribeiro igual a tantos outros, um pedaço de memória à espera de ser esquecido.

Em ambas as margens fala-se português, mas na Várzea Grande raros são os que se exprimem em espanhol. "A gente aqui fala é o chaporrão", um "portunhol" distinto de aldeia para aldeia, e que se vai chamando "chaporral", "chaporrenho" e coisas mais, à medida que se sobe da Extremadura e do Alentejo para Castela e a Beira Alta. Praticado de um lado e de outro, por portugueses e espanhóis, este linguajar híbrido é uma das realidades linguísticas das terras raianas. Uma realidade que convive com o • • •



Velha portuguesa em Fontañera. Em baixo, Juan Rodriguez e Isabel Candeias em La Rabaza: "Só em Espanha é que falamos espanhol"

• • • bilinguismo e com uma indelével predominância do português nos "pueblos" onde os povoadores lusos se cruzam há séculos com estremenhos, galegos, leoneses, mouros, judeus e outras gentes empurradas para estas terras que foram de ninguém. E onde, ao longo deste século, e até aos nossos dias, as correntes migratórias sazonais, oriundas do lado português e destinadas aos campos estremenhos, nunca passaram sem deixar rasto.



"Isto agora está a morrer. Já ninguém fica por aqui. O negócio é só para os grandes." No pessimismo desta mulher da Várzea Grande estão implícitos dois nomes que, nos últimos anos, se substituíram à teia ancestral dos negócios raianos: os supermercados Paga Pouco de Elvas e Paga Pryca de Badajoz.

Mesmo assim, da banda de lá do Abrilongo ainda há quem venha abastecer-se às lojas, outrora florescentes, do "Marco português". E ainda há uma menina de três anos que salta de um português perfeito para um castelhano límpido, com a facilidade de quem passa de um país para o outro. E ainda há muitos velhos, de cá e de lá, sobretudo de cá, que acumulam as reformas das duas pátrias que lhes são iguais. "Deixem estar o mundo que ele assim está bem", recomenda Manuel do Moinho, um binacional de 80 anos, empoleirado no telhado de uma velha casa que os caprichos do "Birlongo" deixaram em território português.

Do Marco para o norte, com a Sierra de Matasiete pelo meio, em casais dispersos e aldeias de pouco mais de cem habitantes cada uma, multiplicam-se os derradeiros redutos, uns mais, outros menos, dos falares portugueses de Valência de Alcántara: La Tojera, Bacoco, La Rabaza, Jola, El Pino, Las Casiñas, La Fontañera, Fuenteoscura, Cedillo e Herrera de Alcántara, já junto ao Tejo e à Beira Baixa.

"Aquilo que se fala nestas povoações é o português moderno que se usa nas localidades vizinhas do Alentejo", diz Carrasco González, um galego que ensina Português na Universidade de Cáceres e que, ao contrário de muita gente, ainda acredita na revitalização da língua portuguesa em toda a Extremadura.

Descansados quanto à perpetuação da herança lusa nestas terras estremenhos — a que já chamaram a "Costa do Luto", numa alusão aos trajes negros das viúvas e ao subdesenvolvimento da região — mostram-se também Juan Rodriguez e Isabel Candeias, um casal de septuagenários, netos de alentejanos, nascidos e residentes em La Tojera (à Tojeira), a uma dezena de quilómetros a oeste de La Codicera.

"Aqui nunca vamos deixar de falar português. O contrabando acabou, mas os dali continuam a aviar-se cá. Até vêm mais do que quando cá estavam os guardinhas."

Entre eles, João e Isabel, que Juan é só nos papéis oficiais, falam e sempre hão-de falar em português: "Só quando vamos mais para Espanha é que falamos espanhol. Mas mesmo assim os de Cáceres dizem logo: 'Olha os portugueses.' E quando vamos a Portugal fazem o mesmo: 'Olha os espanhóis.'"

Na Tojeira e à volta dela, o português é a língua de quase toda a gente e em particular dos mais velhos. "É a fala que eu conheci em pequena e que já é um bocadinho diferente da do Bacoco ou da Rabaza. O espanhol falo-o mal, mas entendo tudo", explica Isabel Candeias.

Como muitos dos seus conterrâneos, que se dedicam ao comércio ou a uma pobre agricultura de subsistência, Isabel tem familiares nas grandes cidades portuguesas e espanholas, quase sempre guardas civis ou guardinhas — a curiosa designação raiana para os guardas fiscais.

••• Uns quilómetros mais acima, sempre com a linha de fronteira no horizonte, as certezas tranquilas deste casal de reformados esfumam-se na descrença e no vigor juvenil de um outro Juan/João. Proprietário de um bar em La Rabaza — aldeia gémea da vizinha Rabaça portuguesa, na freguesia de São Julião (Portalegre) —, Juan Teodoro tem 29 anos, fala português com um sotaque local, e não tem dúvidas de que a raia, enquanto "terra diferente", tem o fim à vista. Até os miúdos da Rabaza, incluindo os seus filhos, já só falam castelhano...

"Quanto mais livre é a fronteira, mais se perde a tradição portuguesa. O fim do contrabando acabou com aquela relação profunda que havia entre nós. Antes era tudo entre arraianos de um lado e do outro, agora são portugueses e espanhóis."

Curiosamente, a peregrinação pelos santuários dos falares portugueses da Extremadura leva os viajantes para a raia alentejana, pelos antigos trilhos do contrabando. O caminho da Xola e de El Pino passa por veredas enlameadas sobre a fronteira, sobe da Rabaça ao Monte de São Francisco, a São Julião e, mais adiante, já perto de Marvão, regressa a Espanha, em direcção a Valência de Alcântara.

Na Taberna do Monte São Francisco, meia dúzia de velhos portugueses divagam sobre os tempos do contrabando, os seus, quando se levava café a pé e depois de burro, e os dos mais jovens

que ainda andaram de motorizada e até de camião, já na época das bananas, do tabaco e do Cola Cao. A conversa ganha contornos românticos, assume-se o gosto pelo risco e pela transgressão, justifica-se a vida com a necessidade de sobreviver, reconhece-se a tentação do vício. "Aquilo puxava por um homem. Quanto mais se ia, mais se queria ir."

Mas o coro desta gente quieta e tristonha cai na realidade da sua velhice e dá o seu assentimento a uma declaração inesperada: "O contrabando devia era ter acabado vinte anos antes, que os homens daqui estão todos tortos e aleijados daquelas noites ao frio, à chuva e à neve, às vezes com a água até ao pescoço e as cargas de 25 e mais quilos em cima da cabeça."

Do Monte São Francisco e da Rabaça lá iam eles, jogando às escondidas com guardas e guardinhas, sujeitos a levar um tiro e a ficar sem a mercadoria, pelas serras fora, em direcção a São Vicente de Alcântara (umas boas três horas a andar), a Marcadores (três noites, que os dias eram para dormir) e até à Aldeia del Cano (cinco noites bem andadas). "Chegávamos a fazer bolhas nos pés como cabeças de dedos."

Quando a vigilância das guardas abrandou e começaram a usar-se os burros, a tarefa tornou-se mais leve, mas alguns riscos foram acrescidos. "O animal não fugia como nós. Às vezes pendurávamos-lhes pedras nos tomates para eles não cantarem e não nos denunciarem."

•••

O meu irmão punk é o maior pacifista que conheci. Acho que deve ser por isso que nunca ligou muito aos Pistols e sempre preferiu os reggae de Bob Marley. O meu pai é que desesperava. Cada vez que falava com ele, ele só respondia "paz". Hoje é bancário. Ainda bem. Comprou-me uma Samsung. Paz para vocês.



SAMSUNG

ELECTRONICS

TECHNOLOGY THAT WORKS FOR LIFE

Gamma Hi-Fi Samsung Micro, Mini e Midi. Um grande som a preços que já lá vão.

• • • Agora tudo acabou. "Já nem cá há gente para casar com as espanholas", lamenta um saudoso do tempo antigo.

"Nessa altura ia-se à taberna da Rabaza ao fim do dia e ela estava cheia de portugueses. Vinha-se a esta aqui e estava cheia de espanhóis. Agora a fronteira está aberta, eles estão lá e a gente está cá."

Nas escolas primárias de Eljas (Las Ellas), no extremo norte desta faixa lusófona da Extremadura, já bem acima do Tejo, frente a Foios e à serra da Malcata, no concelho do Sabugal, as crianças falam "lagarteiru" entre si. Contrariamente ao que acontece pela raia abaixo, até El Marco, e de outra forma nas terras de Olivença, a "fala" do Vale de Jálama (Val de Xálama) defende-se orgulhosamente nas três aldeias de Valverde del Fresno (Valverdi), Eljas (As Ellas) e San Martín de Trevejo (Sa Martín de Trévellu).

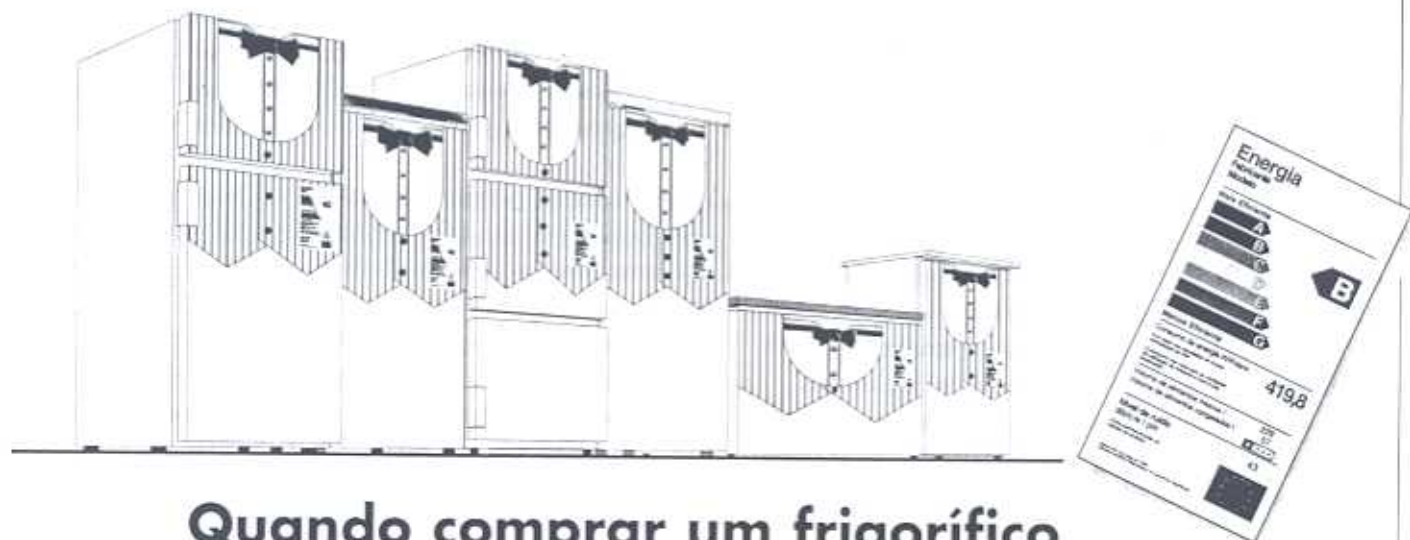
Alcandoradas nas serras, a mais de mil metros de altitude e a meia dúzia de quilómetros uns dos outros, os três lugares e os seus cinco mil habitantes persistem na teimosia antiga de falar uma língua arcaica, aquilo a que alguns chamam "o português do tempo do D. Quixote". Os professores ensinam-lhes castelhano, os serviços públicos servem-lhes a língua de Madrid, mas o povo, pequeno e grande, vive em "valverdenho", "lagarteiru" e "mañegu" — as três variantes da "fala" que se usa em cada uma das aldeias.

"É uma espécie de mirandês ao contrário, um português arcaico, enquanto o falar de Miranda do Douro é um espanhol arcaico", defende Juan Viola, um raiano dos quatro costados que ocupa o lugar de cônsul honorário de Portugal em Cáceres. Leite de Vasconcelos, no princípio do século, entendeu a "fala" como uma emanção directa do português, alguns arriscaram a ideia de uma derivação do próprio latim, mas agora quase todos os linguistas se inclinam para a tese da sua origem galaico-portuguesa, com influências astúrio-leonesas.

"Oitenta por cento do nosso léxico é galaico-português. Nós entendemos muito bem o português raiano, mas percebemos melhor o galego", sintetiza Severino Fernandez, professor em As Ellas e vice-presidente da Asociación Fala i Cultura. Como acontece com muitos dos seus conterrâneos, tem familiares e amigos no Sabugal e trata os dentes no Fundão, a 70 km de casa.

Berço de contrabandistas, cercado por altas serras e pelas fronteiras com Portugal e Castela, o vale de Xalma honra-se da sua história e não se envergonha de homenagear os homens do carrego.

"Em memória de aqueles homis e mulheris de um lau i oitru da Raia que, com sua arríria [animais de carga] e intercambius gañorin a vida e a amistai sinceira dos lugaris. Que u hermanamiento de Os Foios e As Ellas sea ejemplu que nus mova a alcanzar as mais altas metas." Assim reza a placa inscrita no monumento aos contrabandistas, inaugurado em Abril, • • •



Quando comprar um frigorífico não se esqueça das regras da etiqueta.

Até aqui, ao comprar um frigorífico, você só dava importância a critérios como o tamanho e a cor. Agora, com a etiqueta de eficiência energética, obrigatória em todos os frigoríficos e arcas congeladoras, você já pode saber qual a classe de eficiência, o nível de consumo e o impacto sobre o ambiente. Pode, portanto, escolher ainda melhor. Verifique sempre esta etiqueta e lembre-se que ao utilizar bem a energia está a respeitar o ambiente.



MINISTÉRIO
DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO
DA ENERGIA



ce

CENTRO PARA A CONSERVAÇÃO
DE ENERGIA





Fontanera: à esquerda, vista de Portugal para Espanha (o marco e o alcatrão a assinalar a mudança). À direita, vista de Espanha para Portugal

••• num morro de As Ellas, bem em frente à serra da Malcata, com os olhos postos na terra de onde vieram os “repopoadores” do século XIII, na esteira dos mouros escorraçados.

Rodeado pelos troféus de caça que partilham com um Mário Soares de faixa verde-rubra as paredes da mansão medieval que lhe serve de residência, no coração da monumental Cáceres património da humanidade, o cônsul honorário Juan Viola fala com nostalgia e quase com resignação. Para este homem apaixonado pela raia e pela língua que herdou dos seus antepassados do concelho de Portalegre, o português da região tem uma identidade específica, feita de arcaísmos e influências múltiplas — muito mais em Xalma do que em Valência de Alcântara —, abastardado apenas pela televisão (portuguesa e espanhola), pelos contactos comerciais mais abertos e, inevitavelmente, pela escola onde o castelhano se sobrepõe ao português materno.

Acentuando fortemente o “ei” de “carreteira” ou de “direita”, a fala lindíssima de Juan Viola ainda recorda os homens instruídos que “houvera” na terra do “sé” pai, um sítio da Cocêra onde as pessoas davam a vez dizendo “Por Deus...” e se tratavam por vocemecê. “O mé português é o português arraiano e tenho muita honra em conservá-lo como o aprendi em miúdo.”

Nas suas palavras ecoam ainda as omnipresentes histórias dos

velhos contrabandistas e o saltitar das cabras da Xola (Jola), uma das mais típicas aldeias raianas, situada a uma dúzia de quilómetros de Valência de Alcântara e a dois ou três da fronteira. Por cima de tudo fica como que um “requiem” por um tempo e por uma cultura que sobreviveram às guerras e aos séculos, mas que tendem a morrer às mãos da uniformização e da massificação. Mas também de uma abertura de fronteiras que, pouco a pouco mas inexoravelmente, vai fazendo aquilo que até agora coisa alguma, “nem guardas nem guardinhas”, alguma vez conseguiram fazer.

Aquilo a que Luís Uriarte, um antropólogo da Universidade de Badajoz, chama a “a eficiente desarticulação da tradicional interdependência local”, em benefício do fomento de uma integração interregional e multinacional. Com o desaparecimento da fronteira entre Portugal e Espanha, escreve Uriarte no seu livro “Cultura de Fronteras e Fronteras Culturales”, “estão a desarticular-se as redes locais de interdependência simétrica e os raianos (...) estão a ser aceleradamente integrados no (e desintegrados pelo) novo sistema socioeconómico e cultural assimétrico, impessoal e multinacional imposto pela economia mundial”.

Aos raianos, profetiza Uriarte, resta encontrar o “equivalente funcional” que substitua a fronteira e o contrabando, para que a raia sobreviva, com gente e cultura, e se salve de uma morte mais que anunciada. ●